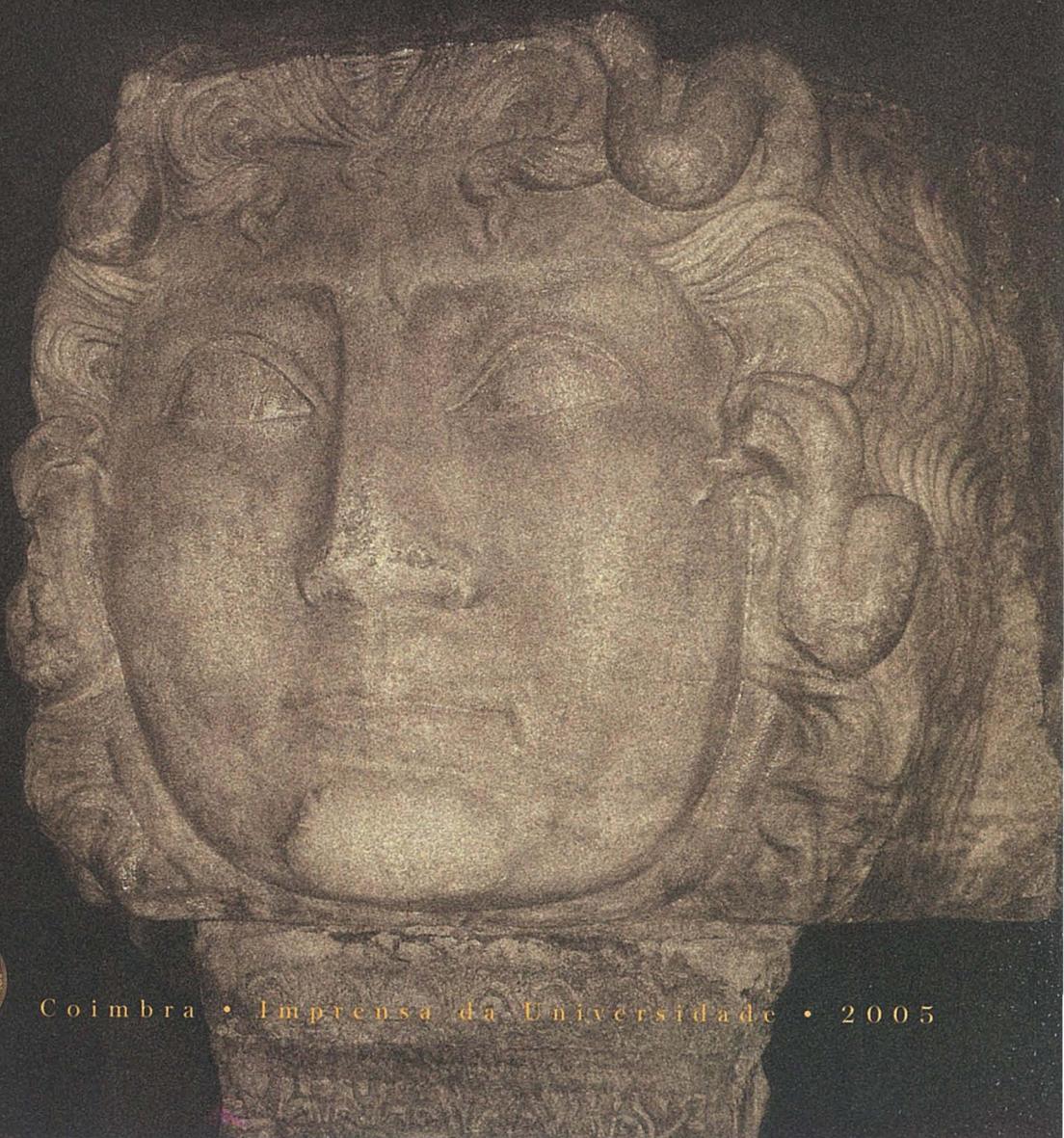


FRANCISCO DE OLIVEIRA
Coordenação

Génese e Consolidação da Ideia de Europa

Vol. III

O Mundo Romano



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

SUETÓNIO E O FASCÍNIO DO ORIENTE

José Luís Brandão

(Universidade de Coimbra)

Abstract: Suetonius doesn't set up in *De uita Caesarum* a explicit opposition between Eastern and Roman, but between good and bad behaviors. Nevertheless Eastern stereotypes such as despotism, corruption, voluptuous and effeminate conduct appear naturally represented in the public and private attitudes of the worst emperors. Some of them seem to promote a model of government that recalls the theocratic monarchy characteristic of Hellenistic tyrants. In spite of the gradual process of hellenisation in the aristocratic Roman classes, the extravagances of Caligula and Nero become unacceptable to the Roman mentality. In what concerns religion, the biographer distinguishes the ancient Greek cults, consecrated long ago by tradition, from the new importations, such as Egyptian, Judaic and Christian believes. So when Suetonius rejects the introduction of exotic habits he doesn't stress ethnic reasons but reveals a moralizing perspective based on ancestral Roman *mores*.

Falar do oriente, tomando como referência o ponto de vista romano, implica um conjunto de preconceitos ou generalizações que ficaram associados ao mundo helenístico, como despotismo, corrupção, vida fácil, opulência, voluptuosidade e costumes efeminados. Os imperadores têm de gerir o conflito entre a natural atração pelo exótico e a rejeição de certos costumes, considerados decadentes, bem como o desprezo pelas monarquias helenísticas, inaceitáveis para a mentalidade republicana tradicional.

Suetónio não se preocupa em estabelecer explicitamente uma oposição entre oriente e ocidente. Mas, nas *Vidas dos Césares*, são os piores imperadores que mais se aproximam dos conhecidos estereótipos orientais. Alguns príncipes manifestam comportamentos conotados com modelos de monar-

quias teocráticas, afastando-se do projecto de Augusto. A tentação já vinha de trás. Marco António e Júlio César deixaram-se fascinar pelo Egipto e pelo culto que aí prestavam aos reis. Suetónio, como biógrafo, vê o problema, não tanto na dimensão política, mas sobretudo moral: o afastamento em relação ao *mos maiorum*. Ao desejar a condição de rei, o imperador manifesta *iniciuilitas* e *impotentia*.

Júlio César repetia uma fala de Etéocles das *Fenícias* de Eurípides, com a qual sugeria que valia a pena violar a lei se fosse para satisfazer a ambição de reinar¹. Na descrição dos factos que conduziram aos Idos de Março, isto é, das realizações e palavras que tornavam César merecedor da morte², são incluídas honras excessivas (o consulado ininterrupto, a ditadura perpétua, a prefeitura dos costumes e o *praenomen* de *imperator*; o *cognomen* de *Pater Patriae* e uma estátua entre as dos reis) e privilégios que ultrapassam a dimensão humana – *humanum fastigium* – (trono de ouro, estátuas entre os deuses, altares, leito divino, um culto com sacerdotes, o nome de um mês). No cúmulo da gradação, Suetónio apresenta a convicção de que o ditador pensava mudar a residência para Alexandria ou para Tróia. Além disso, corria o boato de que iria ser proposto, em reunião do senado, atribuir-lhe o título de rei, porque se afirmava nos livros sibilinos que só um rei poderia vencer os Partos (*Jul.* 79.3). Atacar este povo, para tirar a desforra de Carras, era um dos projectos de César que a morte veio cercar (*Jul.* 44.3).

Outro César, também de nome Gaio, Calígula, apresenta um percurso semelhante, mas mais aparatoso: mostra aspirar a uma realeza de tipo oriental, quando afirma, servindo-se de uma expressão homérica, *εἷς κοίρανος ἔστω, εἷς βασιλεύς*³ («haja um só chefe, haja um só rei!»). Tal atitude figura à cabeça da parte da biografia em que se descreve o *monstrum* (*Cal.* 22.1ss). Suetónio confirma que pouco faltou para Calígula colocar o diadema⁴ e transformar a *species principatus* em *regni forma*. E – acrescenta o biógrafo

¹ *Jul.* 30.5. Cf. Eurípides, *Ph.* 524. Suetónio apresenta a versão latina de Cícero (*off.* 82): *Nam si uiolandum est ius, <regnandi> gratia / uiolandum est: aliis rebus pietatem colas*. Vide CANFORA, L. 2000, 153.

² *Jul.* 76.1. *Praegrauant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur. (...) et ampliora etiam humano fastigio.*

³ *Cal.* 22.1. As palavras são de Ulisses (*Il.* 2.204-205). Calígula abandona o modelo augustano e volta-se para o cesariano: vide HURLEY, D. W. 1993, 85.

⁴ Originalmente, uma tira branca usada pela família real persa, que se tornou depois na principal marca da realeza helenística: vide WARDLE, D. 1994, 205.

— quando lhe fizeram notar que já ultrapassara a dimensão³ dos imperadores e dos reis, tratou de arrebatar a majestade divina (*Cal.* 22.2). No cúmulo destes excessos surge o estranho facto de, em noites de lua-cheia, convidar a lua para vir dormir com ele (*Cal.* 22.4)⁶, e de se mostrar arrogante para com Júpiter que, segundo dizia, até o convidava para o seu *contubernium* (*Cal.* 22.3).

As excentricidades descritas nesta *Vida* tendem a ser interpretadas por parte da historiografia moderna à luz de um tipo de monarquia teocrática à maneira egípcia, que unia realeza e divindade em vida, modelo a que Calígula aderiu, assumindo mais a descendência de Marco António que a de Augusto⁷. Alguns autores vêem na apóstrofe à lua um aproveitamento hostil de um ritual associado ao culto de Ísis, em que o imperador se identificava com o Sol (Osíris)⁸. A imitação dos príncipes Lágidas, que casam com as suas irmãs, pode explicar a relação incestuosa com Drusila e as honras que lhe concede depois da morte (*Cal.* 24.1-2) — uma imagem do casamento divino de Ísis e Osíris. Sintomático destas aspirações de Calígula parece ser o projecto, semelhante ao de César, de se transferir para Alexandria (*Cal.* 49.2)⁹.

A mudança da capital para uma província será um medo comum aos habitantes da metrópole dos impérios. Também consta que Nero, em vias de perder o poder em Roma, chega a sonhar com uma *dominatio* no oriente

³ *Verum admonitus et principum et regum se excessisse fastigium*. Note-se o paralelo com *Jul.* 76.1.

⁶ Motivo que Camus encarece e repete, dando-lhe o valor simbólico do impossível a que Calígula aspira. Cf. STRAUSS, W. A. 1951, 165; GILLIS, J. 1974, 401. Várias são as tentativas de explicação, resumidas no com. de WARDLE, D. 1994, 214-215.

⁷ Neste sentido parece ser entendida a proibição de festejar as vitórias de Áccio e da Sicília, como funestas (*Cal.* 23.1). LAMBRECHTS, P. 1953, 219-232, acentua a política oposta a Augusto e a afirmação da descendência de António, através da ideologia egipcizante. Vide MARTIN, R. 1991, 331-332; GUASTELLA, G. 1992, 159; COLIN, J. 1954, 394-416. Mas a afirmação da herança de António não pode ser considerada contra Augusto, porque está bem documentado um escrupuloso cumprimento do culto ao fundador do principado.

⁸ Ísis aparece associada à lua em Apuleio, *Met.* 11.3-6. Nesta perspectiva, Calígula, nas suas aspirações a uma monarquia de tipo egípcio, poderia muito bem estar a identificar-se com o sol (Hélio / Osíris), que tem comércio com a sua irmã, a lua (Selene / Ísis). Crê-se que Calígula tinha uma capela isíaca no seu palácio. Vide CEAUSESCU, P. 1973, 277; COLIN, J. 1954, 408; LAMBRECHTS, P. 1953, 226-228 e n. 2.

⁹ Boato levantado certamente a partir da projectada viagem a Alexandria, referida por Flávio Josefo, *AJ* 19.81. Calígula parece seguir os passos do pai, Germânico, que fizera uma viagem ao Egipto: cf. Tácito, *Ann.* 2.59.1). Segundo Filon (*Leg.* 162), Calígula mantinha boas relações com os habitantes de Alexandria e considerava aquela cidade como a única adequada para consagrar a sua divinização (*Leg.* 338). Vide GUASTELLA, G. 1992, 261.

(*Nero* 47.2), ou o governo do Egípto (*Nero* 47.2). O desejo de Nero de substituir o nome de Roma pelo de Nerópolis (*Nero* 55) pode ser comparado com a prática da fundação de cidades por parte dos reis helenísticos¹⁰. Se, no oriente, a mudança de nome das cidades era uma forma de honrar o imperador, como já acontecera em relação a Augusto (*Aug.* 60), em Roma seria algo impensável.

Apesar de os Flávios se afastarem da tendência orientalizante, Domiciano reclama a majestade divina ao dizer que recebeu de novo a mulher no leito sagrado (*puhuinar*); aceita o tratamento de *dominus*, certa vez no anfiteatro (*Dom.* 13.1), atribui-se, ao ditar uma carta, o título de *dominus et deus*, inaugurando o hábito de assim o apelidarem oficialmente¹¹; não consentia que lhe erigissem estátuas no Capitólio, senão em ouro e prata¹² e de um peso determinado.

A progressão para a *dominatio* ou *regnum* torna-se uma afronta para o povo romano, que só se curva perante a lei e que há muito considera um *imperator* romano acima dos reis¹³. *Dominatio* e *dominus* têm conotações servis: daí que seja necessário distinguir entre *princeps* e *imperator*; por um lado, e *dominus* ou *tyrannus* por outro¹⁴. Mas a diferença entre *princeps* e *dominus* não é de natureza constitucional, mas sobretudo moral. À *inpotentia* de César, que lhe valeu a morte, opõe-se a *moderatio* de Augusto.

Suetónio não diz, com Augusto (*RG.* 7.2), que este se tornou *princeps senatus* — expressão politicamente correcta, oriunda da tradição republicana¹⁵ —,

¹⁰ Tácito, *Ann.* 15.40.3, fala do desejo de fundação de uma nova cidade e conecta o facto com o incêndio de 64.

¹¹ *Dom.* 13.2. Díon Cássio, 67.13.3-4, conta o caso de Juvêncio Celso que, acusado de conspiração, salva a vida por tratar Domiciano por senhor e deus.

¹² Estátuas de ouro e prata erigidas em público significavam para os romanos divinização, permitida somente por imperadores como Calígula, Nero, Domiciano, Cómodo e Caracala: vide JONES, B. W. 1996, 110.

¹³ Vide GRIMAL, P. 1993, 16; GASCOU, J. 1984, 721-722.

¹⁴ BRADLEY, K. R. 1991, 3715-3716. Nota GASCOU, J. 1984, 721-722, que, neste ponto, Suetónio está de acordo com Plínio, *Pan.* 45.3: *Scis ut sunt diuersa natura dominatio et principatus, ita non aliis esse principem gratiorem quam qui maxime dominum grauentur.*

¹⁵ Suetónio não tem ilusões de que Augusto *in retinenda [sc. re p.] perseverauit* (*Aug.* 28.1) e contradiz assim a afirmação de *RG* 34.1: *rem publica ex mea potestate in senatus populi Romani arbitrium transtuli.* Em *Cal.* 22.1, fala de *species principatus*, demonstrando assim ter consciência de que o nome de *princeps*, e, por consequência, *principatus*, é uma forma hábil de iludir os legalistas. Suetónio é realista: aceita a inevitabilidade do principado e a impossibilidade do retorno ao regime republicano.

antes prefere acentuar que se trata da fundação de um regime verdadeiramente novo. O êxito fica a dever-se ao distanciamento em relação a César: a recusa de templos nas províncias, se ao seu nome não fosse associado o de Roma, e definitivamente na urbe; a fusão e dedicação a Apolo Palatino das estátuas de ouro que lhe erigiram; a recusa da ditadura (*Aug.* 52) e sobretudo o horror à «maldição e desonra» do apelido de *dominus* (*Aug.* 53.1)¹⁶ e o respeito pelo senado — atitudes apresentados como *documenta* da *ciuilitas* (*Aug.* 51.1)¹⁷. A presença desta virtude no príncipe evita a progressão para uma monarquia teocrática, à maneira oriental, ou para uma tirania (*dominatio*), que cercaria a *libertas*, entendida, no império, como liberdade de expressão, prerrogativa que Augusto mostra respeitar (*Aug.* 54)¹⁸.

Também Cláudio revela *ciuilitas* ao recusar o *praenomen* de *imperator* e honras excessivas (*Cl.* 12.1)¹⁹. Tibério, na fase boa do principado, revela *ciuilitas*, ao recusar *maximi honores* que incluíam culto divino (*Tib.* 26.1)²⁰, ao rejeitar o *praenomen* de *imperator*, o *cognomen* de *pater patriae*, a coroa cívica no vestíbulo da sua casa, ao limitar o uso do nome de Augusto, que lhe pertencia por herança, às cartas dirigidas aos reis (*Tib.* 26.2), e sobretudo ao recusar o apelido de *dominus* (*Tib.* 27), e ao defender repetidamente a liberdade de expressão e de pensamento (*Tib.* 28)²¹ e, numa manifestação de respeito pelas instituições republicanas, chega mesmo a restabelecer uma *species libertatis* (*Tib.* 30)²².

O modelo que inspira mais desejo de emulação é, naturalmente, Alexandre Magno. Júlio César, questor na Hispânia, chora por ainda não ter feito

¹⁶ *Domini appellationem ut maledictum et obprobrium semper exhorruit.* Suetónio não denuncia a habilidosa simulação de horror.

¹⁷ *Clementiae ciuilitatisque eius multa et magna documenta sunt.* A *ciuilitas*, a par da *clementia*, vem associada, em Suetónio, à *moderatio*, como demonstra GASCOU, J. 1984, 722-723.

¹⁸ *Nec ideo libertas aut contumacia fraudi cuiquam fuit.*

¹⁹ *At in semet augendo parcus atque ciuilis praenomen Imperatoris abstinuit, nimios honores recusauit.*

²⁰ *Verum liberatus metu ciuilem admodum inter initia ac paulo minus quam priuatum egit. Ex plurimis maximisque honoribus praeter paucos et modicos non recepit.*

²¹ *Sed et aduersus conuicia malosque rumores et famosa de se ac suis carmina firmus ac patiens subinde iactabat 'in ciuitate libera linguam mentemque liberas esse debere'.*

²² *Quin etiam speciem libertatis quandam induxit conseruatis senatui ac magistratibus et maiestate pristina et potestate.* Também Tácito, *Ann.* 1.77.3, fala de *simulacra libertatis*.

nada de grandioso, apesar de ter a idade em que o macedónio já dominava o mundo (*Jul.* 7.1); Augusto presta homenagem no Egipto ao corpo do herói (*Aug.* 18.1) e usa a sua imagem como sinete (*Aug.* 50). Se estes factos não envolvem censura da parte do biógrafo, a inclusão na indumentária da couraça de Alexandre (*Cal.*52)²³ já é encarada como uma extravagância de Calígula. O mesmo se diga do penteado de Nero (*Nero* 51), considerado por alguns comentadores uma imitação do de Alexandre²⁴. O facto de Tito, à semelhança do que fez Alexandre, venerar o boi Ápis em Mênfis e se cingir com o diadema agrava a suspeita de que queria usurpar o poder ao próprio pai e tornar-se rei do Oriente, pelo que o príncipe se apressa a regressar a Roma para desmentir tais rumores (*Tít.* 5.3)²⁵.

Realmente o país do Nilo continuava a revelar-se perigoso: um insurrecto poderia tomar este território como base de acção — tal foi, segundo Suetónio, o motivo pelo qual César não converteu o Egipto em província romana e o confiou ao governo de Cleópatra (*Jul.* 35.1)²⁶. Vespasiano é aclamado pela primeira vez pelas legiões do Egipto e só depois pelas da Judeia (*Ves.* 6.4)²⁷. O grau de certeza do poder (*firmitas imperii*) deste imperador é confirmado no templo de Serápis, onde lhe são miraculosamente oferecidos dons rituais que parecem assimilá-lo aos soberanos tradicionais do Egipto (*Ves.* 7.1) — notícia baseada certamente na propaganda flaviana²⁸.

É ainda na boca de uns marinheiros de Alexandria que o biógrafo coloca o tributo universal à obra pacificadora de Augusto, sob a forma de uma certi-

²³ Dión Cássio, 59.17.3, diz que Calígula usou a couraça de Alexandre na travessia da ponte de Baías.

²⁴ ... *ut comam semper in gradus formatam peregrinatione Achaica etiam pone uerticem summiserit*. *Semper* é um claro exagero do biógrafo. É consonante com a efígie da cunhagem de 64. Outra explicação é que se assemelha ao de um busto de auriga contemporâneo de Nero: daí que fosse tão escandaloso para um romano. Vide BRADLEY, K. R. 1978, 284-285.

²⁵ O comportamento de Tito no Egipto insere-se na perspectiva da imitação, por parte dos Flávios, de Alexandre Magno no Egipto (Cf. Plutarco, *Alex.* 26-27). Também este visitou Mênfis, venerou o Boi sagrado (Arriano, 3.1.4) e, segundo uma tradição popular, terá sido investido como rei do Egipto. Vide HENRICH, A. 1968, 60.

²⁶ Ao contrário de outros autores (Tito Lívio, *Per.* 112; Plutarco, 49.10; Dión Cássio, 42.35 e 42.44; Apiano, 2.13.90) Suetónio, mais favorável ao ditador, não associa o facto à paixão de César por Cleópatra. Vide GASCOU, J. 1984, 38-42.

²⁷ Cf. Tácito, *Hist.* 2.79. A versão de Josefo, *BJ* 4.601, segundo a qual Vespasiano foi aclamado na Judeia, é unanimemente rejeitada pelos autores modernos como falsa e tendenciosa. Vide CESA, M. 2000, 64.

²⁸ Cf. Tácito, *Hist.* 4.82. Vide HENRICH, A. 1968, 61-65; CESA, M. 2000, 68.

mónia litúrgica, como se percebe pelo aparato e pelo ritmo da invocação (*Aug.* 98.2)²⁹:

Forte Puteolanum sinum praeteruehenti uectores nautaeque de nauí Alexandrina, quae tantum quod appulerat, candidati coronatique et tura libantes fausta omina et eximias laudes congesserant: 'per illum se uiuere, per illum nauigare, libertate atque fortunis per illum frui'.

Quando atravessava, um dia, a baía de Putéolos, os passageiros e os tripulantes de um navio de Alexandria, que acabara justamente de aportar, vestidos de branco e coroados com grinaldas, não só lhe ofereceram incenso, como também o cumularam de bons augúrios e de extraordinários louvores: 'Por ele viviam, por ele navegavam; da liberdade e da felicidade por ele fruam'.

O local onde se dá esta aclamação é centro de encontro entre o oriente e o ocidente, dada a forte influência helénica. É este o cenário escolhido por Calígula para a construção da ponte de barcas (entre Baias e Putéolos), extravagância que Suetónio coloca entre os espectáculos oferecidos por este imperador³⁰, mas que parece simbolizar o desejo de rivalizar com monarcas orientais. Uma das explicações aduzidas pelo biógrafo patenteia o desejo de emulação da ponte que Xerxes lançou sobre o Helesponto (*Cal.* 19.3)³¹. Tanto mais que, no desfile, o príncipe ostentava (*prae se ferens*) o pequeno Dario, um refém parto, filho de Artábano III (*Cal.* 19.2)³².

A tensão das relações com os Partos (cf. *Tib.* 9.1) levava a demonstrações de força e jogos de influência. Mas, de modo semelhante à história da

²⁹ Segundo ROCCA-SERRA, G. 1974, 671-680, podemos perceber a expressão de um credo religioso e político que retoma um dos temas da propaganda de Augusto (a paz universal e a segurança dos mares) e que subentende a assimilação do príncipe a Júpiter, como causa última. O texto provirá de uma fonte em grego de origem egípcia, talvez Asclepiades de Mendes, citado em *Aug.* 94.4. Para BENARIO, H. W. 1975, 84, é um exemplo da afeição e aprovação generalizada do Império à obra de Augusto e à estabilidade do governo proposta em *Aug.* 28.2.

³⁰ *Cal.* 19.1: *Nouum praeterea atque inauditum genus spectaculi excogitauit.*

³¹ Cf. Heródoto, 4.83 ss.

³² Para LUGAND, R. 1930, 9-13, a presença do jovem parto é a chave para entender a mensagem deste cortejo apoteótico. Os Partos imolam cavalos ao Sol, cuja quadriga atravessa diariamente os céus. Sobre a ponte, Calígula identifica-se com o Sol. Esta cavalgada é a antecipação da apoteose a que está destinado depois da morte, em que acompanhará a viagem do Sol imortal.

ponte de Baias, é como um espectáculo que Suetónio relata, na *Vida* de Nero, a recepção e coroação de Tiridates da Arménia (*Nero* 13.1-2), sem se deter na importância estratégica do controlo daquele estado-tampão ou no longo processo diplomático e militar que antecederá a cerimónia. Desse sucesso, protagonizado por Corbulão (personagem que Suetónio omite), resta apenas uma breve referência: o acto simbólico de fechar as portas do templo de Jano, a concluir a performance do imperador-histrião:

Non immerito inter spectacula ab eo edita et Tiridatis in urbem introitum retulerim. Quem Armeniae regem magnis pollicitationibus sollicitatum, cum destinato per edictum die ostensus populo propter nubilum distulisset, produxit quo oportunissime potuit, dispositis circa fori templa armatis cohortibus, curuli residens apud rostra triumphantis habitu inter signa militaria atque uexilla. Et primo per deuexum pulpitem subeuntem admisit ad genua adleuatumque dextra exosculatus est, dein precanti tiara[m] deducta[m] diadema inposuit, uerba supplicis interpretata praetorio uiro multitudini pronuntiante; perductum inde in theatrum ac rursus supplicantem iuxta se latere dextro conlocauit. Ob quae imperator consalutatus, laurea in Capitolium lata, Ianum geminum clausit, tamquam nullo residuo bello³³.

Não é sem fundamento que contarei entre os espectáculos a entrada de Tiridates na Urbe. Depois de convidar este rei da Arménia com grandes promessas, viu-se obrigado a adiar o dia que, através um edicto, destinara para o exhibir ao povo, visto o tempo estar nublado, mas apresentou-o no momento mais oportuno que pôde. Dispostas as coortes armadas à volta dos templos do foro, sentou-se numa cadeira curul, junto dos rostra, com vestes triunfais entre insígnias militares e estandartes. Primeiro recebeu o rei, que subiu uma plataforma inclinada e se ajoelhou, e, depois de o ajudar a levantar com a mão direita, beijou-o. Em seguida, a pedido dele, tirou-lhe a tiara e colocou-lhe o diadema, enquanto as palavras do suplicante, traduzidas, eram proclamadas à multidão por um antigo pretor. Conduziram-no dali para o teatro e, renovadas as súplicas, colocou-o junto de si, ao seu lado direito. Saudado

³³ Esta recepção ocorreu no verão de 66. Há quem veja neste passo a ligação de Nero ao Mitraísmo: a cerimonia simbolizaria a coroação de Mitra pelo sol. Vide BRADLEY, K. R. 1978, 90.

imperador por este facto, depois de levar uma coroa de louro ao Capitólio, fechou o templo de Jano bifronte, para significar que não havia mais guerras em suspenso.

Aparentemente, o *show off* atingiu os objectivos, a julgar pelo apoio que um falso Nero granjeou ainda entre os Partos, decorridos vinte anos após a morte deste imperador (*Nero* 57.2).

A opção pela análise caracterológica leva o biógrafo a retomar estes dois episódios na parte negativa das referidas *Vidas*, para os considerar numa perspectiva diversa. A história da ponte de Baías vai ser invocada para demonstrar a *saevitia* e prepotência de Calígula, que precipita no mar os que estavam na margem (*Cal.* 32.1), e a recepção a Tiridates ilustra a *luxuria* de Nero, ruinosa para o erário público (*Nero* 30.2).

Envergar vestuário estrangeiro é indigno de um cidadão. O vestuário *patrius* e *ciuilis* é a toga, cujo uso Augusto procurara incentivar (*Aug.* 40.5). Tibério é censurado por, em Rodes, trocar o *patrius habitus* pelo *pallium* e pelas sandálias gregas (*crepidae*) (*Tib.* 13.1). Calígula manifesta total desrespeito na forma de trajar (*Cal.* 52):

Vestitu calciatuque et cetero habitu neque patrio neque ciuili, ac ne uirili quidem ac denique humano semper usus est.

Nas roupas e no calçado e no restante trajar não usou o tradicional do seu país, nem o habitual dos cidadãos, nem sequer masculino – e, em suma, nem humano.

A descrição das suas roupas e adornos revela gostos orientalizantes, efeminados e monárquicos, de que é exemplo a degradante seda (*sericatus*), proibida por Tibério³¹. Fazendo jus à sua alcunha, Calígula parece interessar-se por calçado exótico. Usa peças orientais, que, em Roma, só têm lugar no palco: as sandálias e socos (*crepidae, socci*); o coturno (usado pelos reis helenísticos) sinal de tirania. No cúmulo da gradação figura a já referida couraça de Alexandre Magno³⁵.

³¹Cf. Tácito, *Ann.* 2.33.1; Dión Cássio 57.15.1.

³⁵Sobre o vestuário deste imperador, vide WARDLE, D. 1994, 336-341; HURLEY, D. W. 1993, 186-189.

Ao ostentar atributos divinos, Calígula parece estar a imitar o seu bisavô Marco António, que, no Oriente, se apresentou como Dioniso³⁶, embora também conste que Augusto se disfarçou de Apolo num banquete secreto (*Aug.* 70.1-2). Ao empunhar o raio, imitando Júpiter, Calígula parece seguir os passos de Alexandre³⁷ e outros monarcas. O uso do tridente e do caduceu, numa imitação de Neptuno e Mercúrio, também tem antecedentes. O facto de Calígula se travestir de Vénus não se apresentará tão estranho se se tiver em conta que a identificação com divindades masculinas ou femininas era comum no culto helenístico do rei: os precedentes incluem Alexandre. Suetónio, no entanto, ao inserir estes factos na rubrica do vestuário, não lhes atribui outro significado que extravagâncias exibicionistas. Não se devem descartar as tendências teatrais deste imperador.

Entre as seduções do oriente, contam-se, como é sabido, rainhas famosas. O biógrafo relega-as para o âmbito da vida sexual dos biografados. Quanto à bem conhecida relação de César com Cleópatra, Suetónio, separa-a da questão política, para a integrar na esfera da vida privada (*Jul.* 52.1)³⁸, colocando a tónica no tipo de vida que passaram juntos, com contornos mais orientais que romanos: os banquetes até à alvorada, a viagem pelo Nilo, as dádivas, a instalação da rainha em Roma, o reconhecimento do suposto filho comum.

O facto de António incluir no testamento os filhos que tivera da rainha Egípcia é usado por Augusto como prova de que o seu opositor se distanciara do *mos ciuillis* (*Aug.* 17.1). Por outro lado, o biógrafo alonga-se muito mais a descrever o suicídio de Cleópatra e os esforços vãos de Augusto para a conservar viva até ao triunfo (*Aug.* 37.4) do que a narrar a batalha de Áccio, referida apenas como vitória definitiva sobre António (*Aug.* 17.2). Também a relação com Berenice é integrada na análise da *libido* de Tito (*Tit.* 7.1), pelo que o afastamento da amante, contra a vontade de ambos, é considerada uma louvável mudança no comportamento do príncipe, operada ao assumir o governo do império (*Tit.* 7.2)³⁹.

³⁶ Cf. Veleio Patérculo 2.82.4; Díon Cássio 48.39.2; Plutarco, *Ant.* 24.3.

³⁷ Que assim foi representado por Apeles (Plutarco, *De Iside* 24) e em cunhagens na Babilónia.

³⁸ Vide GASCOU, J. 1984, 38-42 ; 82.

³⁹ Cf. Flávio Josefo, *AJ* 18.5.4; 19.5.1; 20.7.3; Tácito, *Hist.* 2.2.1; Díon Cássio, 66.15.3-4. Berenice regressará depois a Roma (cf. Díon, 66.18.1). Esta ruptura dramática teria motivações políticas. Acontece na altura da execução de Cecina e Marcelo, dois senadores que conspiraram contra Vespasiano, o que provocou atritos na relação com o senado. Tito foi provavelmente

A tirania sexual manifesta-se sobretudo no abuso de matronas romanas. Mas se é censurável a sedução de mulheres nobres casadas por parte de César e Augusto⁴⁰, o tom de reprovação torna-se mais intenso na descrição do ultraje às matronas ilustres, por parte de Tibério⁴¹, que provoca o suicídio de Malónia, por parte de Calígula, que as examinava *mercantium more*⁴², e por parte de Nero, que organizava orgias em que grandes damas imitavam as taberneiras (*Nero* 27.3). É ainda imputada a este último a violação da vestal Rúbria (*Nero* 28.1).

A situação torna-se mais gravosa quando se trata de homens. O biógrafo não estabelece com rigor a distinção entre realidade e invectiva política. O rumor de que César, na juventude, se prostituiu a Nicomedes da Bitínia (*Jul.*2)⁴³ há-de acompanhá-lo para toda a vida (*Jul.* 49.1), como provam os versos dos soldados no triunfo (*Jul.* 49.4). O próprio visado, em reposta humorada a uma insinuação, se compara a Semíramis, a famosa rainha assíria (*Jul.* 22). A relação com um monarca oriental é, assim, o primeiro de uma série de comportamentos homossexuais dos Césares⁴⁴, de modo que soa a exceção dizer que Cláudio se abstinha de homens (*Cl.* 33.2). Mas a prática sexual passiva (*impudicitia*) é sobretudo característica dos tiranos: enquanto absolve Augusto e Tito, Suetónio permite que esta acusação fique para sempre ligada a César⁴⁵, Calígula⁴⁶ e Nero⁴⁷.

pressionado por Vespasiano a afastar Berenice, para pacificar os senadores descontentes. Esta ambiciosa rainha do Oriente levantaria problemas e faria pensar em uma nova Cleópatra. Vide ROGERS, P. 1980, 94; MARTIN, R. 1991, 150-151.

⁴⁰ *Jul.* 50.1: *Pronum et sumptuosum in libidines fuisse constans opinio est, plurimasque et illustres feminas corrupisse*; *Aug.* 69.1: *condiciones quaesitas per amicos qui matres familias et adultas aetate uirgines denudarent atque perspicerent, tanquam Toranio mangone uendente.*

⁴¹ *Tib.* 45: *Feminarum quoque, et quidem illustrium, capitibus quanto opere solitus sit inludere (...).*

⁴² *Cal.* 36.2.

⁴³ O rumor, imediatamente seguido da referência a feitos notáveis que lhe valeram a coroa cívica na tomada de Mitilene, faz BALDWIN, B. 1983, 222, pensar no topos helénico do guerreiro valoroso e sodomita.

⁴⁴ *Jul.* 49; *Aug.* 68; *Tib.* 44.2; *Cal.* 36.1; *Nero* 28.2-29; *Gal.* 22; *Otho* 2.2; *Tib.* 3.2; *Vit.* 12; *Tit.* 7.1; *Dom.* 1.1. Provavelmente resultado da influência da cultura helénica na alta sociedade romana. Vide WALLACE-HADRILL, A. 1984, 184.

⁴⁵ *Jul.* 2: *non sine rumore prostatae regi pudicitiae*; 49.1: *Pudicitiae eius famam nihil quidem praeter Nicomedis contubernium laesit*; cf. 52.3: *a impudicitiae infamia.*

⁴⁶ *Cal.* 36.1: *Pudicitiae <neque suae> neque alienae pepercit.*

⁴⁷ *Nero* 29: *Suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit...*

O último dos Júlio-Cláudios representa o grau mais elevado da degradação moral de um tirano. Além do casamento farsesco com o eunuco Esporo (*Nero* 28.1), com emprego do *flammeum*, Nero entrega-se a jogos indecentes, em que ele próprio faz de mulher (*Nero* 29):

Suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit ut contaminatis paene omnibus membris nouissime quasi genus lusus excogitaret, quo ferae pelle contactus emitteretur e cauea uirorumque ac feminarum ad stipitem deligatorum inguina inuaderet et, cum affatim desaeuisset, conficeretur a Doryphoro liberto; cui etiam sicut ipsi Sporus, ita ipse denupsit, uoces quoque et heulatus uim patientium uirginum imitatus¹⁸.

Prostituiu a tal ponto o seu pudor que, depois de contaminar quase todos os membros, inventou como que um jogo completamente novo, segundo o qual, coberto com uma pele de animal selvagem, se lançava de uma jaula e atacava os órgãos sexuais de homens e mulheres atados a um poste e, depois de se faltar de tais sevícias, era possuído pelo seu liberto Doríforo, a quem serviu de noiva, como Esporo a ele próprio, e chegou mesmo a imitar os gritos de sofrimento das virgens ao serem forçadas.

Estas notícias têm sido consideradas por alguns autores como possíveis interpretações falseadas, intencionalmente ou não, de cultos orientais levados a cabo por Nero¹⁹.

A baía de Neápolis era o centro de helenização e de luxúria. Calígula e Nero faziam “cruzeiros” de luxo por estas paragens, o que implicava prostitui-

¹⁸ Vide VERDIÈRE, R. 1975, 19-20; com. de BRADLEY, K. R. 1978, 164-165; CIZEK, E. 1982, 41-42; MARTIN, R. 1991, 160 e 169-171; FERNÁNDEZ URIEL P. 1994, 111-124.

¹⁹ Dión Cássio 63.13.1, fala da semelhança de Esporo com Popeia Sabina. O ritual do casamento tem sido visto como uma cerimónia de iniciação numa religião mística: Esporo teria sido castrado, porque era servidor de Cibele. O *flammeum* é também o véu do iniciado. Talvez se tratasse, de facto, de uma iniciação, em que Esporo, pela sua união matrimonial com Mitra, acedia ao título de *nymphus*. Quanto a *Nero* 29, crê-se que este Doríforo e o Pitágoras que figura no relato de Tácito, *Ann.* 15.37.4, e Dión Cássio, 63.13.2, sejam a mesma pessoa e que se trataria, como no caso de Esporo, de um casamento místico, em que Nero seria o iniciado. Doríforo não era o nome próprio, mas a função que desempenhava: ministro do culto de Cibele ou da deusa Ma-Belona. Vide VERDIÈRE, R. 1975, 19-22; com. de BRADLEY, K. R. 1978, 161-165; CIZEK, E. 1982, 41-42; MARTIN, R. 1991, 171.

ção de matronas romanas (*Nero* 27.2) e enorme dispêndio de dinheiro (*Cal.* 37.3). A arte erótica estava na moda nesta zona. A descrição do retiro de Tibério na ilha de Cápreas (*Tib.* 43) sugere uma deturpação moralizante dos gostos artísticos do imperador:

Secessu uero Caprensi etiam sellaria excogitauit, sedem arcanarum libidinum, in quam undique conquisiti puellarum et exoletorum greges monstrosique concubitus repertores, quos spintrias appellabat, triplici serie conexi, in uicem incestarent coram ipso, ut aspectu deficientis libidines excitaret. Cubicula plurifariam disposita tabellis ac sigillis lasciuissimarum picturarum et figurarum adornauit librisque Elephantidis instruxit, ne cui in opera edenda exemplar impetratae schemae deesset. In siluis quoque ac nemoribus passim Venerios locos commentus est prostantisque per antra et cauas rupes ex utriusque sexus pube Paniscorum et Nympharum habitu, quae palam iam et uulgo nomine insulae abutentes Caprineum dictitabant.

No seu retiro em Cápreas, inventou ainda um quarto com divãs, sede das suas lascívias secretas, no qual, bandos de moças e rapazes pervertidos, recolhidos de toda a parte, e os inventores de monstruosas uniões, aos quais chamava spintriaie, encadeados em grupos de três, se pudessem prostituir alternadamente à sua frente, para que, ao olhar, ele excitasse os seus desejos em declínio. Adornou alcovas, dispostas em vários sítios, de quadros e estatuetas com pinturas e esculturas de extrema devassidão e guarneceu-os de livros de Elefântis, para que a ninguém faltasse, ao executar o serviço, o modelo da atitude exigida. Também, nas matas e nos bosques, teve a ideia de distribuir, por aqui e por ali, sítios para os prazeres de Vénus e, por antros e grutas, os que se prostituíam, de entre a juventude de um e outro sexo, em traje de pequenos Pãs e Ninfãs. Por esta razão, às claras e jogando publicamente com o nome da ilha, repetidas vezes lhe chamavam 'capríneo'.

Na colecção privada do imperador contava-se, portanto, literatura erótica, como os livros de Elefântis (*Tib.* 43.1), poetisa grega licenciada⁵⁰, e representações obscenas, como um quadro de Parrásio (*Tib.* 44.2), pintor

⁵⁰ A ela alude também Marcial, 12.43.4.

efésio do V-IV século a.C. Por detrás da *uituperatio* adivinha-se a afeição por arte grega. A referência ao quadro, onde se representa comércio sexual entre Atlas e Meleagro⁵¹, mostra-se coerente com a grande paixão de Tibério por temas mitológicos pouco comuns (*Tib.* 70.3). Além disso, os antros dispersos pelos bosques, onde jovens Pãs e Ninfas se prostituíam entre si (*Tib.* 43.2), integram-se num gosto de influência helenística por grutas decoradas, de que é também exemplo a *Spelunca* da Campânia, onde Tibério sobreviveu a um desabamento (*Tib.* 39)⁵².

Suetónio escreve num tempo em que estava bastante adiantado o processo de helenização da sociedade romana⁵³. Os imperadores são instruídos nas letras gregas, sinónimo de erudição e cultura superior, e fazem-se rodear de eruditos helénicos. Júlio César, na juventude, dirige-se a Rodes para assistir às lições do orador Apolónio Mólou (*Jul.* 4.1). Ele próprio se preocupa com a educação do seu herdeiro, Octávio: envia-o a Apolónia para se dedicar por inteiro aos estudos (*Aug.* 8.2). Tibério, em Rodes, procurava lições de filósofos (*Tib.* 11.3).

Percebe-se, através da leitura das *Vidas dos Césares*, um progressivo cultivo da língua helénica, que vai do nível familiar ao da linguagem literária. Júlio César exprime-se em grego, mas o uso que faz desta língua parece confinar-se ao âmbito familiar, o da espontaneidade⁵⁴. Em relação a Augusto,

⁵¹ ... *in qua Meleagro Atalanta ore morigeratur* – «no qual Atlas e Meleagro se satisfaziam sexualmente com a boca um ao outro», se aceitarmos a tradução de *morigerari* no seu sentido médio-passivo de 'estimulação mútua', como propõe HALLET, J. P. 1978, 196-200. Pode bem acontecer que o interesse de Tibério por arte erótica, aliada à especulação sobre as suas actividades em Cápreas, gerasse a tradição hostil que o representa como um pervertido sexual. Vide LINDSAY, H., 1995, 142.

⁵² Na gruta de Sperlonga, descoberta em 1957, os quatro maiores grupos escultóricos encontrados têm como protagonista Ulisses em situações que ilustram as diversas facetas do seu carácter: *pietas* para com Aquiles, *dolus* para com Diomedes, *uirtus* na luta com Cila, *calliditas* ao cegar Polifemo. Se tivermos em conta o estilo e os temas e o gosto de Tibério (como se lê em *Tib.* 70), e a semelhança entre o carácter de Ulisses e Tibério, ambos propensos à dissimulação, STEWART, A. F. 1977, 76-90, sugere a possibilidade de as esculturas serem da iniciativa de Tibério, quando da sua retirada para a Campânia.

⁵³ Vide WALLACE-HADRILL, A. 1984, 181-185.

⁵⁴ Um exemplo será a célebre exclamação, dirigida a Marco Bruto à hora da morte $\kappa\alpha\iota$ $\sigma\upsilon$ $\tau\acute{\epsilon}\kappa\nu\omicron\nu$; ("Também tu, meu filho?!"). Só Suetónio *Jul.* 82.3 e Díon Cássio 44.19.5, referem estas palavras. Dificilmente Bruto seria filho de César. Em 85 a.C., data provável do nascimento de Bruto, César teria apenas 16 anos, e a relação com Servília situa-se muito mais tarde. Mas o

para além do seu gosto pelas letras gregas (*Aug.* 89), chega-nos a notícia de alguns versos improvisados (*Aug.* 98.4) e da adaptação da cláusula de comédia com que o fundador do principado se despede da vida (*Aug.* 99.1). Tibério, embora se exprima em grego com desenvoltura, procura, no entanto, evitar esta língua nas sessões do senado e nos documentos oficiais (*Tib.* 71). Tais escrúpulos são ultrapassados por Cláudio, que, além de ser um apaixonado pelas letras gregas (*Cl.* 42.1), não hesita em responder em grego aos embaixadores e coloca este idioma no mesmo plano do latim (*uterque sermo noster*). Tito, que fora educado na corte de Cláudio juntamente com Britânico, revela grande facilidade em discursar e compor poemas nas duas línguas (*Tit.* 3.2). Além disso, nas *Vidas dos Césares* abundam citações em grego que denunciam a sólida cultura homérica dos Césares⁵⁵.

Um exemplo interessante do processo de helenização é a introdução da música no curriculum de estudos. Se, no tempo em que Cornélio Nepos escrevia o seu *Epaminondas*, cantar e dançar eram actividades consideradas indignas que colidiam com a *grauitas* romana⁵⁶, com o hábito, acabaram por ser toleradas e até cultivadas pelas classes elevadas. Tito é elogiado por saber cantar e dançar (*Tit.* 3.2), Britânico tinha talento suficiente para provocar a inveja de Nero (*Nero* 33.2), este último fora instruído na música entre outras disciplinas (*Nero* 20.1), Calígula mostra paixão pelo canto e pela dança (*Cal.* 54.1), e, de modo especial, pela pantomima (*Cal.* 55.1): chega a convocar senadores a meio da noite para o verem dançar (*Cal.* 54.2). O problema

termo τέκνον, primariamente de uso trágico e épico, é empregado como afectuoso desde Homero (*Il.* 9.437; *Od.* 4.611), o que não acontece com *filii* latino. Muitos jovens latinos, educados por preceptores helénicos, aprendem o grego como primeira língua. Esta torna-se, assim, para os jovens romanos das classes superiores, a língua da espontaneidade. Outras fontes referem palavras gregas pronunciadas no momento do assassinio (Plutarco, *Caes.* 66.8). Por isso, DUBUISSON, M. 1980, 881-890, defende que estas palavras, inseridas num comportamento linguístico definido, devem ser autênticas; e se não são mencionadas pela maior parte dos historiadores é porque não têm interesse para a história política.

⁵⁵Vide BERTHET, J. F. 1978, 314-334; GASCOU, J. 1984, 672.

⁵⁶*Praef.* 1.1: *Non dubito fore plerosque, Attice, qui hoc genus scripturae leue et non satis dignum summorum uirorum personis iudicent, cum relatum legent, quis musicam docuerit Epaminondas aut in eius uirtutibus commemorari, saltasse eum commode scienterque tibiis cantasse. Epani.* 1.1-2: *Epaminondas, Polymnii filius, Thebanus. De hoc priusquam scribimus, haec praecipienda uidentur lectoribus, ne alienos mores ad suos referant, neue ea, quae ipsis leuiora sunt, pari modo apud ceteros fuisse arbitrentur. Scimus enim musicen nostris moribus abesse a principis persona, saltare uero etiam in uitiis poni: quae omnia apud Graecos et grata et laude digna docuntur.* Vide TUPLIN, C. 1979, 124-142; GIUA, M. A. 1990, 536-537.

coloca-se quando o imperador de amador se transforma em profissional, ao ponto de dar mais importância a estas modas que ao governo do império ou de manchar a dignidade imperial com estas actividades.

A dedicação de Nero às artes cénicas e às corridas do circo é colocada na parte negativa da *Vida*, entre os *probra*. O imperador faz a sua estreia, como actor, em Neápolis, em ambiente grego (*Nero* 20.2), importa de Alexandria a ideia de uma claque de jovens, os Augustanos (*Nero* 20.3), e só depois, fingindo ceder aos rogos do povo, se apresenta em Roma (*Nero* 21.1), nos *Neronia*, festival à moda grega por ele mesmo criado⁵⁷.

Apesar da progressiva preparação das mentalidades e da adulação de que foi alvo, Nero confessa que *solos scire audire Graecos solosque se et studiis suis dignos* («só os Gregos sabem ouvir e só eles são dignos de si e da sua arte»)⁵⁸ e empreende uma viagem à Acaia, para participar e vencer em todos os jogos gregos (*Nero* 22.3). Entre os exageros do imperador, conta-se o facto de correr em Olímpia com um carro puxado por dez cavalos (*Nero* 24.2), extravagância que ele próprio tinha, em um poema, censurado a Mitridates. Pelo seu regresso, celebra um triunfo, não o de um general vitorioso, mas o de um actor (*Nero* 25.1-2):

*Reuersus e Graecia Neapolim, quod in ea primum artem protulerat,
albis equis introiit disiecta parte muri, ut mos hieronicarum est; simili
modo Antium, inde Albanum, inde Romam; sed et Romam eo curru,
quo Augustus olim triumphauerat, et in ueste purpurea distinctaque
stellis aureis chlamyde coronamque capite gerens Olympiacam, dextra
manu Pythiam, praeunte pompa ceterarum cum titulis, ubi et quos quo*

⁵⁷ Cf. *Nero* 12.3. Já Augusto tinha instituído jogos gregos, mas em Neápolis. Como nota WARMINGTON, B. H. 1999, 39, neste festival, instituído em 60, Nero não participou pessoalmente nas provas de retórica e poesia latina (Tácio, *Ann.* 14.21.4) nem de lira (Dion Cássio, 61.21.2), mas, apesar disso, os prémios foram-lhe atribuídos. Na repetição dos *Neronia*, em 65, o senado oferece-lhe antecipadamente os prémios, para evitar o escândalo de um imperador vestido de histrião (Tácio, *Ann.* 16.4), mas Nero insiste em participar em igualdade de circunstâncias. Cf. CIZEK 1982, 126-127. GRIFFIN, M. T. 1984, 114, afirma que foi a impaciência de Nero que o impediu de vencer as resistências dos mais conservadores. A sua performance pessoal tornou mais difícil a conversão das classes elevadas.

⁵⁸ *Nero* 22.3. A viagem à Acaia, que antes fora referida como uma empresa louvável, sobretudo devido às obras de abertura de um canal no istmo de Corinto (*Nero* 19.2), aparece agora como objecto de censura, devido aos motivos que a determinaram. Vide GASCOU, J. 1984, 369-370.

*cantionum quoue fabularum argumento uicisset; sequentibus currum ouantium ritu plausoribus, 'Augustianos militesque se triumphi eius' clamitantibus. Dehinc diruto circi maximi arcu per Velabrum forumque Palatium et Apollinem petit. Incedenti passim uictimae caesae sparso per uias identidem croco ingestaeque aues ac lemnisci et bellaria. Sacras coronas in cubiculis circum lectos posuit, item statuas suas citharoedico habitu, qua nota etiam nummum percussit*⁵⁹.

Regressado da Grécia, fez uma entrada, com cavalos brancos, em Neápolis — porque ali tinha pela primeira vez revelado a sua arte —, depois de abatida parte das muralhas, como é costume para os vencedores dos jogos sagrados. Entrou de modo semelhante em Âncio, depois no território de Alba, depois em Roma. Mas, em Roma, usou o mesmo carro de que Augusto outrora se servira no seu triunfo e uma veste de púrpura e uma clâmide adornada com estrelas de ouro e uma coroa olímpica na cabeça e a pítia na mão direita. Precedia-o o cortejo solene das restantes coroas, com inscrições a indicar onde, a quem e com que argumento de canto ou de peças teatrais vencera. Seguia o carro a claque a gritar, segundo o ritual das ovações, que eram 'os augustianos e os soldados do seu triunfo'. Em seguida, demolido que fora um arco do Circo Máximo, dirigiu-se, através do Velabro e do Foro, para o Palatino e para o templo de Apolo. À sua passagem, imolavam-lhe vítimas por toda parte, espalhavam continuamente açafraão pelas ruas e ofereciam-lhe aves e fitas e guloseimas. Dispôs as coroas sagradas pelos quartos, à volta dos leitos, e ainda estátuas suas em traje de citaredo, imagem com a qual fez ainda cunhar moedas.

Os mais tradicionalistas, entre os quais se contam sobretudo os membros do senado, suportam mal o facto de serem governados por um histrião e por um auriga, desonra apresentada pelo biógrafo como uma das motivações dos revoltosos envolvidos nas conjuras de Pisão e de Vinício⁶⁰.

⁵⁹ Descrição semelhante figura em Dión Cássio, 63.20.1ss.

⁶⁰ Cf. Nero 36.2: *Nonnulli etiam imputarent, tanquam 'aliter illi non possent nisi morte succurrere dedecorato flagitiis omnibus'*. Suetónio está a generalizar: aquelas palavras, segundo Tácito, *Ann.* 15.68.1, foram pronunciadas somente por Sulpício Áspero. Dión Cássio, 62.24.2, diz que outro conjurado, Súbrio Flávio, acrescenta que não podia ser escravo de um citaredo e de um auriga.

De qualquer modo, é preciso distinguir o lado culturalmente bom da helenização do aspecto decadente. Neste particular, cabe aos Flávios alguma reacção ao helenismo no sentido da depuração⁶¹. Aproveita-se o que tem de positivo — incentiva-se a literatura e as artes (*Ves.* 17-19); Domiciano cria mesmo um festival à moda Grega, musical equestre e gímnico (*Dom.* 4.4) —, mas rejeita-se o luxo e a libertinagem sexual (*Ves.* 11). Vespasiano granjeia fama de avaro pela sua parcimónia. Controlam-se os banquetes longos e dispendiosos (*Tit.* 7.2; *Dom.* 21); os pantomimos, símbolos de licenciosidade, ficam confinados a palcos privados (*Dom.* 7.1), e um questor é expulso do senado por excessiva afeição aos pantomimos e à dança (*Dom.* 8.3); reprime-se o adultério e a homossexualidade (*Dom.* 8.3-4) e entrava-se a criação de eunucos através da proibição da castração (*Dom.* 7.1). Do louvor destas medidas ressalta um saudosismo da austeridade romana⁶².

Por outro lado, é preciso separar a influência grega, pouco a pouco tolerada e cultivada pela elite romana, das influências orientais propriamente ditas. No que respeita à religião, tal distinção é clara para o biógrafo. O desprezo da *religio* e dos deuses tradicionais é comum aos tiranos⁶³. Suetónio mostra-se, neste campo, favorável à restauração do *mos maiorum* e contrário à introdução de cultos estrangeiros, à excepção dos helénicos.

O modelo de referência continua a ser Augusto. Este imperador e Cláudio são louvados pelo seu papel de restauradores de antigas práticas religiosas itálicas (*Aug.* 31.4)⁶⁴ e, no que concerne aos cultos estrangeiros, são aplaudidos pela preocupação de respeitarem só os antigos e consagrados pela

⁶¹ Vide WALLACE-HADRILL, A. 1984, 186-189.

⁶² As medidas contra o excesso de luxo são louvadas em César (*Jul* 43); Tibério (*Tib.* 34.1); em Vespasiano (*Ves.* 11) e mesmo em Nero, na fase positiva do principado (*Nero* 16.2.).

⁶³ César não mostrava temor religioso, não fazia fé nos presságios (*Jul.* 59) e mostra-se arrogante para com os harúspices (*Jul* 77) e, nos idos de Março, entra na cúria *spreta religione* (*Jul.* 81.4); Tibério apresenta-se *circa deos ac religiones neglegentior* (*Tib.* 69.1); Calígula despreza os deuses (*Cal.* 51.1); Nero é *religionum contemptor* (*Nero* 56), Vitélio, ao entrar em Roma e ao assumir o cargo de pontífice máximo, despreza todo o direito divino e humano (*Vit.* 11.1) e incendeia o templo de Júpiter no Capitólio; Domiciano venera Minerva *superstitiose* (*Dom.* 15.3).

⁶⁴ *Nomnulla etiam ex antiquis caerimonis paulatim abolita restituit*, *Cl.* 25.5: *Cum regibus foedus in foro i[e]scit porca caesa ac uetere fetialium praefatione adhibita*. Domiciano, na parte favorável do principado, é louvado pelo facto de restabelecer o velho costume de reprimir os *incesta* das vestais (*Dom.* 8.3) e punir as ofensas aos deuses (*Dom.* 8.5).

tradição e desprezarem os restantes, de acordo com a distinção estabelecida na *Vida de Augusto*⁶⁵: em relação aos ritos antigos e consagrados, o fundador do principado inicia-se nos mistérios de Elêusis (*Aug.* 93), culto que Cláudio pensou mesmo em transferir para Roma (*Cl.* 25.5)⁶⁶; no que diz respeito aos outros cultos, Augusto menosprezou o do boi Ápis no Egito e a religião judaica (*Aug.* 93); Cláudio expulsa os judeus, chefiados pelo *impulsor Chrestus* (*Cl.* 25.4)⁶⁷. Suetónio coloca na parte positiva da *Vida* de Nero a perseguição aos cristãos, porque se tratava de *genus hominum superstitionis nouae ac maleficae* (*Nero* 16.2)⁶⁸, e na parte aceitável da *Vida* de Tibério a perseguição aos cultos egípcios e judaicos e aos astrólogos (*Tib.* 36). Porque é tradicionalista⁶⁹, Suetónio não aprecia aquelas novidades e considera-as superstições. Condena a Nero o culto da Deusa Síria (Atargátis) e de uma pequena imagem de uma donzela (*alia superstitio*) (*Nero* 56); a Otão, o culto de Ísis, sintomático do carácter efeminado deste imperador (*Otho* 12.1).

A rejeição de cultos estrangeiros em Roma não tinha a ver com descrença efectiva, mas com o intuito de preservação dos costumes romanos. Com efeito, Suetónio dá crédito a presságios orientais (entre outros) ligados ao advento de Vespasiano ao trono imperial: um profecia judaica de carácter messiânico divulgada em todo o oriente (*Ves.* 4.5)⁷⁰; o oráculo do deus do Carmelo⁷¹ e uma profecia de um cativo Judeu, de nome Josefo (*Ves.* 5.6)⁷².

⁶⁵ *Peregrinarum caerimoniarum sicut ueteres ac praeceptas reuerentissime coluit, ita ceteras contemptui habuit.*

⁶⁶ Esta medida aparece em oposição (indicada por *contra*) aos outros cultos proibidos por Cláudio.

⁶⁷ Alguns autores identificam este *Chrestos* com Cristo, admitindo uma anacronia (Cristo foi crucificado no tempo de Tibério), pois os primeiros cristãos não se distinguiam, em Roma, dos Judeus. Outros pensam que se trataria de um agitador judeu em Roma. Cf. GASCOU, J. 1984, 731 n. 114.

⁶⁸ Tácito, *Ann.* 15.44.2-5, embora hostil aos cristãos, considera-os bodes expiatórios apresentados por Nero, quando se levantaram rumores sobre a culpa do imperador no incêndio. O historiador acha exagerado o castigo e diz que os condenados suscitavam a piedade, por serem vítimas da crueldade de Nero.

⁶⁹ Cf. GASCOU, J. 1984, 732.

⁷⁰ *Percrebruerat Oriente toto uetus et constans opinio esse in factis ut eo tempore Iudaea profecti rerum potirentur. Id de imperatore Romano, quantum postea euentu paruit, praedictum Iudaei ad se trahentes rebellarunt.* Também Tácito interpreta esta profecia como concernente a Vespasiano e Tito (*Hist.* 5.13.2).

⁷¹ Cf. Tácito, *Hist.* 2.78.3, que afirma que o nome do sacerdote era Basílides.

⁷² Cf. Díon Cássio, 66.1, e o próprio cativo, Flávio Josefo, *BJ* 3.8.2.

Adverso a toda a divinização do imperador em vida, Suetónio mostra-se céptico em relação à apoteose dos imperadores: dá uma explicação naturalista para a de César (*Jul.* 88)⁷³; expressa subtil ironia ao referir-se à de Augusto (*Aug.* 100.4)⁷⁴; dá crédito aos gracejos de Vespasiano sobre a sua própria apoteose (*Ves.* 23.4).

Portanto, a parte oriental do império parece constituir um modelo para os tiranos, a sua base de apoio e a esperança de refúgio, no caso de perderem o poder em Roma. Com os Flávios é diferente: Vespasiano levanta-se do oriente, mas, ao assumir o poder, mantém-se fiel aos costumes romanos.

Suetónio, na linha da tradição romana, tende a ver com reserva a introdução de hábitos orientais por contrastarem com os costumes dos antepassados. A cedência de alguns césaes a hábitos exóticos não é tomada em termos de confronto de civilizações, mas avaliada do ponto de vista da oposição virtudes/vícios. A imitação de tiranos helenísticos não é admitida porque se opõe à *ciuilitas* e à *libertas*, princípios segundo os quais o cidadão só se submete à lei. O *princeps* não deve elevar-se acima do lugar que lhe cabe como primeiro dos cidadãos.

Nesta perspectiva moralizante, mesmo certos costumes gregos e manifestações de filelenismo, se são tolerados em cidadãos privados, tornam-se sintoma de degradação moral quando adoptados pelo príncipe na sua vida pública. Os bons imperadores são os que, na linha de Augusto, zelam pela pureza de costumes, reprimindo a introdução de hábitos espúrios, e que, pela sua justiça e moderação no trato com as nações estrangeiras, conquistam a amizade dos povos distantes, como os da Índia e da Cítia (*Aug.* 21.3). Em Suetónio, o fundador do principado aparece mais como pacificador e unificador do mundo do que como vitorioso sobre o oriente.

⁷³ (...) *stella crinita per septem continuos dies fulsit exoriens circa undecimam horam, creditumque est animam esse Caesaris in caelum recepti; et hac de causa simulacro eius in uertice additur stella.*

⁷⁴ *Nec defuit uir praetorius, qui se effigiem cremati euntem in caelum uidisse iuraret.*

Bibliografia

- BALDWIN, B. 1983, *Suetonius*. Amsterdam, Hakkert.
- BENARIO, H. W. 1975, "Augustus princeps": *ANRWII*. 2. 75-85.
- BERTHET, J. F. 1978, "La culture homérique des Césars d'après Suétone": *REL* 56 314-334.
- BRADLEY, K. R. 1978, *Suetonius' Life of Nero. An historical commentary*, Bruxelles, Latomus.
- 1991, "The imperial ideal in Suetonius' *Caesares*": *ANRWII*, 33, 5 3701-3732.
- CANFORA, L. 1970, "Cesare continuato": *Bellagor* 25 419-429.
- CEAUSESCU, P. 1973, "Caligula et le legs d'Auguste": *Historia* 22 269-283.
- CESA, M. 2000, *Svetonio. Vita di Vespasiano*, Bologna, Cappelli.
- CIZEK, E. 1982, *Néron*, Paris, Fayard.
- COLIN, J. 1954, "Les consuls du César-pharaon Caligula et l'héritage de Germanicus": *Latomus* 13 394-416.
- DUBUISSON, M. 1980, "Toi aussi, mon fils!": *Latomus* 39 881-890.
- GASCOU, J. 1984, *Suétone historien*, Paris, de Boccard.
- GILLIS, J. 1974, "Caligula. De Suétone à Camus": *LEC* 42 393-403.
- GIUA, M. A. 1990, "Aspetti della biografia latina del primo impero": *RSI* 12 535-559.
- GRIFFIN, M. T. 1984, *Nero. The end of a dynasty*, London, Routledge.
- GRIMAL, P. 1993, *O Império Romano*, trad. portuguesa, Lisboa, Edições 70.
- GUASTELLA, G. 1992, *Gaio Svetonio Tranquillo, La vita di Caligola*, [testo, trad. e comm.] a cura di —, Roma, La Nuova Italia Scientifica.
- HALLET, J. P. 1978, "*Morigerari*. Suetonius, *Tiberius*, 44": *AC* 47 196-200.
- HENRICHs, A. 1968, "Vespasian's visit to Alexandria": *ZPE* 3 51-80.
- HURLEY, D. W. 1993, *An historical and historiographical commentary on Suetonius' Life of C. Caligula*, Atlanta, Scholars Pr.
- JONES, B. W. 1996, *Suetonius. Domitian*, ed. with intr., com. and bibl. by —, London, Bristol Classical Press.
- LAMBRECHTS, P. 1953, "Caligula dictateur littéraire": *BIBR* 28 219-232.
- LINDSAY, H. 1995, *Suetonius, Tiberius* edited with intr., com. and Bibliography by —, London, Bristol Classical Press.
- LUGAND, R. 1929, "Suétone et Caligula": *REA* 31 9-13.
- MARTIN, R. 1991, *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris, Les Belles Lettres.
- ROCCA-SERRA, G. 1974, "Une formule cultuelle chez Suétone (*Divus Augustus*, 98,2)": Mélanges de philosophie, de littérature et d'histoire ancienne offerts à P. Boyancé. Rome, Palais Farnèse, 671-680.
- ROGERS, P. 1980, "Titus, Berenice and Mucianus": *Historia* 29 86-95.

- STEWART, A. F. 1977, "To entertain an emperor. Sperlonga, Laokoon, and Tiberius at the dinner table" : *JRS* 67 76-90:
- STRAUSS, W. A. 1951, "Albert Camus' *Caligula*. Ancient sources and modern parallels": *CompLit* 3 160-173.
- TUPLIN, C. 1979, "Nepos and the origins of political biography" : *Studies in Latin literature and Roman history* ed. by DEROUX, C., Bruxelles, II, 124-161.
- VERDIERE, R. 1975, "À verser au dossier sexuel de Néron" : *PP* 30 5-22.
- WALLACE-HADRILL, A. 1984, *Suetonius. The scholar and his Caesars*, New Haven (Conn.) Yale Univ. Pr.
- WARDLE, D. 1994, *Suetonius' Life of Caligula. A commentary*, Bruxelles, Latomus.
- WARMINGTON, B. H. 1999, *Suetonius Nero*, text, with intr. & notes by —, Bristol Class. Pr. (2^a ed.).